CONTRIBUIÇÕES DO MÉTODO CARTOGRÁFICO NAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS PARA A COMPREENSÃO DOS TERRITÓRIOS COMO ESPAÇOS VIVOS

CAROLINE ZALAMENA[1]; LÚCIO ANDRÉ DE OLIVEIRA FERNANDES[2]; MARIELEN PRISCILA KAUFFMAN[3]

[1]Universidade Federal de Pelotas – zalamena.carol@gmail.com
[2]Universidade Federal de Pelotas – lucio.fernandes@ufpel.edu.br
[3]Universidade Federal de Pelotas – marielen.kaufmann@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

As instituições de ensino se encontram profundamente enraizadas na estrutura colonial-capitalista, por onde as relações são reduzidas aos interesses econômicos, e assim a produção de conhecimento se inclina em direção a importância dada pela acumulação de capital, e não com relação às reais necessidades sociais e ambientais dos territórios (CRUZ FREITAS, 2018; ROLNIK, 2018).

Aqui será abordado a realidade no contexto das ciências agrárias, e seu forte direcionamento de como aprender a aprender, para uma forma de pensar e produzir conhecimento, a partir de perspectivas reducionistas e compartimentadas da realidade. Como, o dualismo da ideia de separação do sujeito e objeto ou ainda sociedade-natureza, apropriação da natureza, compartimentalização dos saberes, cada vez mais especializado, o que legitima a invisibilização de muitas outras formas de fazer e saber (GOMES, J. C. C.; MEDEIROS, C. A. B., 2009).

O conhecimento científico, neste sentido, se encontra em um lugar privilegiado, e em contraponto, todos os demais saberes, como aqueles que se fazem e se transmite pela oralidade, pela vivência e experimentação, acabam por não ter reconhecimento ou valor (STEENBOCK, 2021; GOMES, J. C C.; MEDEIROS, C. A. B., 2009). Por sua vez, as práticas e ações enquanto estudantes e profissionais destas áreas se refletem para além da academia, mas também nos próprios agroecossistemas, a partir deste modus operandi. Que além de gerar um afastamento de nós seres humanos enquanto animais e parte da natureza - um descolamento da realidade - também associa a natureza como apenas recursos, que gera diversos impactos, por meio de um processo degenerativo da natureza em prol da reprodução de capital (KRENAK, 2019; MELO, 2006).

Não só a capitalização da educação, mas também seu entrelaço às heranças coloniais, com a importação do conhecimento técnico-científico, potencializados pela ditadura militar e Revolução Verde nas ciências agrárias (MELLER *et al*., 2016). Produziu essa subjugação histórica, não só dos saberes populares integrados à natureza, mas das várias formas de vida e suas expressões (STEENBOCK, 2021; ROLNIK, 2018).

A união destas forças coloniais e capitalistas, resultam no que Rolnik (2018) chamou de *Inconsciente Colonial-Capitalístico*, que se impregnou no imaginário social, e se expressa através de um regime dominante nas várias estruturas, sejam elas políticas, econômicas, culturais, ambientais, afetando diretamente no funcionamento das instituições (ROLNIK, 2018).

É neste sentido, que o encontro com a Agroecologia, emerge como a força motora para esta ruptura necessária na monocultura do pensamento (NÚÑES, 2023). Trazendo consigo a diversidade, a pluralidade, transdisciplinaridade, outras perspectivas sobre a realidade, e por consequência, outras maneiras de viver e aprender. A partir disso, o desafio dado é: Como podemos fazer ciência e criar conhecimento sem deixar a realidade escorrer por entre os dedos?

Este trabalho é norteado a partir da vivência da autora desde a graduação até a pós-graduação com pesquisas nas ciências agrárias, por meio do Método

Cartográfico (DELEUZE; GUATTARI, 1995), e da hibridização da arte, filosofia e ciência. Esta metodologia, tem como característica uma pesquisa-intervenção, que ocorre de maneira implicada na realidade, e surge como uma estratégia política na criação de conhecimento (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2020; ROLNIK, 2014; DELEUZE; GUATTARI, 1995).

2. METODOLOGIA

O Método Cartográfico vem sendo desenvolvido no Brasil, a partir dos trabalhos de Suely Rolnik e Virgínia Kastrup, Eduardo Passos, Liliana da Escóssia, e baseado na filosofia de Deleuze e Guattari, a partir da obra "Mil Platôs". Os filósofos Deleuze e Guattari (1995), sugerem o conceito Rizoma, inspirados na botânica. O rizoma, como um caule polimorfo e subterrâneo, que não possui um eixo central, e se expande para todos os lados de maneira horizontal. Além de possuir grande capacidade de se multiplicar, em qualquer ponto que for partido (DELEUZE; GUATTARI, 1995). O rizoma, essa multiplicidade seria a própria realidade, e a cartografia um princípio rizomático (DELEUZE; GUATTARI, 1995). A cartografia aqui, não como um decalque, uma representação estática da realidade, mas sim um mapa móvel e aberto, com entradas e saídas múltiplas (DELEUZE; GUATTARI, 1995; ROLNIK, 2014).

Esta perspectiva se coloca em oposição ao pensamento arbóreo - hierárquico, linear e de eixo central definido - onde a pesquisadora percorre um caminho pré-determinado (*metá-hodos*). Ao questionar justamente a primazia de métodos convencionais e a tal separação ou descolamento da realidade, e de apropriação da natureza. Aqui a pesquisa se assume como intervenção, implicada e processual, que se move a partir dos afetos, da experimentação e vivências nos territórios, requerendo, assim, um corpo disponível para ser afetado (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2020; ROLNIK, 2014).

Para isto, o método cartográfico, se coloca como *hodos-meta*, invertendo a ideia de um caminho determinado pelas metas, mas sim um construir o caminho, caminhando. Trata-se de uma pesquisa que se ancora no real, a partir da experimentação, sem se preocupar em achar respostas sobre uma verdade absoluta, mas sim compreender e sustentar a problematização (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2020).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A complexidade das ciências agrárias, implicam numa pesquisa que para além de gráficos e tabelas, compreenda os territórios como espaços vivos, habitados por seres humanos e não humanos, que se relacionam no espaço-tempo. A cartografia nesse sentido, permitiu justamente esta abertura a caminhos que não necessariamente fossem para a constatação de dados de produção, inflação, rendas, etc. Mas sim sobre os próprios agentes e seus territórios, como vivem, (re)existem, criam e constroem através das relações interespécies em co-evolução, evidenciando suas perspectivas e que são refletidas na racionalidade para a tomada de decisões que transformam o espaço vivido (STEENBOCK, 2021; ROLNIK, 2018).

Compreender a realidade como um processo de produção, que ocorre a partir das relações, e destas conexões a possibilidade da criação de novos mundos. As vivências em distintos territórios a partir da cartografia, expandiu os sentidos da pesquisadora, sobre a realidade em sua multiplicidade. Ao habitar espaços, e tecer mapas a partir das histórias e das vivências das pessoas que ali vivem.

Esta metodologia promoveu uma aproximação entre a pesquisa, a vivência e a transformação mútua da pesquisadora e dos territórios cartografados. Através da co-criação de conhecimento, a pesquisa se tornou um processo coletivo, onde não só as

pessoas, mas todos os seres que habitam os territórios se tornaram agentes na construção do saber. As experiências, significados e valores foram e são incorporados nas pesquisas, enriquecendo as análises e proporcionando uma visão mais ampla e contextualizada da realidade.

Este processo culmina na recuperação do saber-do-vivo ou o saber-do-corpo como Rolnik (2018) aponta, que são estes saberes que se baseiam na experiência do corpo e das relações dos indivíduos com o mundo, nesse sentido, o próprio corpo em contato com o mundo, como fonte de conhecimento e criação (ROLNIK, 2018). E a cartografia serviu como a cola para a união da pesquisadora com a realidade. Onde a própria cartografia se confunde com o viver. Não só a metodologia, mas as próprias dinâmicas nos territórios se encontram nesse resgate de saberes, de aproximação e integração com a natureza, a partir da Agroecologia, e dos Sistemas Agroflorestais.

Por mais distintos os territórios, as formas de (re)existências vão ao resgate dos saberes, da reconexão com a natureza, com aprender a aprender com ela e juntamente a ela. As relações buscam a cooperação, a troca, o amor, e se mostram nas diversas atividades, como os mutirões, rodas de conversas, na arte, na cultura, na agricultura. Isso se coaduna com diversos autores como Steenbock (2021), Rolnik (2018), Toledo e Barrera-Bassols (2015), quando apontam sobre a necessidade de estarmos implicados, entrelaçados com a realidade para o aumento da nossa capacidade de aprendizado, portanto de criar conhecimento.

Neste sentido, compreender nossa própria história e se tornar consciente sobre tais influências paradigmáticas e epistemológicas impregnadas em nosso inconsciente colonial-capitalístico, é fundamental no caminhar para a construção de um processo de ensino-aprendizagem, que não mais haja de acordo com as oscilações do mercado e acumulação de capital, mas sim, que tenha como ponto de partida as percepções e necessidades dos agentes em seus territórios.

Esse dualismo *Sociedade-Natureza*, causa uma ruptura que se afasta mais e mais da natureza para compreendê-la, e culmina na redução da capacidade de co-evoluir, numa subnutrição psíquica (STEENBOCK, 2021). Deixa-se de afetar e ser afetado, mirando sempre em alguma meta e não o percurso.

A problematização da forma como se faz ciência, é fundamental, na medida em que atinge um nicho limitado de atores sociais, e evidencia a priorização em suma daqueles detentores de grande capital. E em contrapartida, a agricultura familiar, povos e comunidades tradicionais acabam por ser negligenciados. O que também reflete diretamente nas políticas públicas, e suas oscilações de acordo com a conjuntura política do país, como foi vivenciado nos últimos anos, além da ascensão da extrema-direita no país somada a uma pandemia mundial. E como resultado, o enfraquecimento de diversas organizações e políticas voltadas à Agricultura Familiar e Agroecologia.

4. CONCLUSÕES

Diversos são os desafios enfrentados a partir desta estrutura enrijecida das instituições de ensino na compreensão e transformação da realidade. Questionar criticamente essa forma comumente adotada nos espaços acadêmicos, que prioriza essa visão reducionista e fragmentada do conhecimento é fundamental. E a cartografia traz algumas pistas no sentido desta transformação, juntamente, com o resgate das bases epistemológicas, de nossa própria história e de nossa integração com a natureza, compreendendo a realidade como produção constante de novas possibilidades de mundo a partir das relações nos espaços-tempos. De forma a avançar para a superação da ideia de uma ciência soberba, que se considera superior

e detentora de todo conhecimento válido, e de uma verdade absoluta. Pois para que e quem a ciência serve?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA GOMES, João Carlos.; MEDEIROS, Carlos Alberto, B. Bases epistemológicas para a ação e pesquisa em agroecologia: da ciência eficiente à ciência relevante. In: Sousa, I. S. F. de; Cabral, J. R. F. (Org.). **Ciência como instrumento de inclusão social.** 1ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2009, p. 249-275.

CRUZ FREITAS, Urânia, F. **Desenvolvimento á Moda Brasileira:** Dinheiro e Desigualdades como bases estruturantes da educação.2018. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional) - Centro de Estudos Avançados e Multidisciplinares, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. 259p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs. vol. 1**. Editora 34, 1995. 127p.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2019. 85p.

MELLER, C., B, *et al*. **Núcleo de Extensão Territoria**l: articulando redes de saberes e fazeres sustentáveis. Santa Rosa: Instituto Federal Farroupilha, 2016. 137p.

MELO, M., M. **Capitalismo versus Sustentabilidade**: o desafio de uma nova ética ambiental. Editora da UFSC, 2006. 133p.

NÚÑES, G. **Descolonizando afetos**: experimentações sobre outra forma de amar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. 192p.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa Intervenção e Produção de Subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207p.

PETERSEN, Paulo, *et al*. **Método de Análise econômico-ecológica de Agroecossistemas**. 1ª ed. Rio de Janeiro. Articulação Nacional de Agroecologia-ANA, 2017. 246p.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo**.** 2ª edição, Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014. 247p.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição:** Notas para uma Vida não Cafetinada. 2ª edição, São Paulo: n-1 edições, 2018. 208p.

SOUZA SANTOS, Boaventura. **A Universidade no Século XXI**: Para uma Reforma democrática e emancipatória da Universidade. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2004. 116p.

STEENBOCK, Walter. **A Arte de Guardar o Sol**: padrões da natureza na reconexão entre florestas, cultivos e gentes. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2021. 207p.